

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS CONTOS DE FADAS: ATRIBUTOS PARA PENSAR A (S) INFÂNCIA (S) E A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

GENDER VIOLENCE IN FAIRY TALES: ATTRIBUTES TO THINK ABOUT CHILDHOOD (S) AND EDUCATION IN CONTEMPORARY TIMES

Ravelli Henrique de Souza¹

Marta Regina Furlan de Oliveira²

RESUMO: De maneira ampla, este texto objetiva analisar as relações de poder por meio da violência de gênero nos contos de fadas e, possíveis liames no contexto da educação da (s) infância (s) contemporânea (s). De modo particular, refletir sobre os discursos utilizados nos contos dos Irmãos Grimm (2018), principalmente os de: Chapeuzinho Vermelho; A Bela Adormecida; Branca de Neve e Gata Borralheira a fim de melhor compreender como os mesmos são arqueologicamente formados pelas relações de poder. A metodologia é um estudo bibliográfico em Bettelheim (2018); Andrade (2015); Filha (2011) e autores que dialogam com as teorias sobre os contos dos Irmãos Grimm e, ainda, análise interpretativa dos personagens femininos protagonistas e antagonistas dos contos literários de fadas e suas articulações com os estudos de representações sociais. Os contos, quando não questionados, tornam-se reprodutores da violência de gênero nos corpos humanos desde a infância, visto que, há várias formas de ser e se portar em relação às subjetividades. Os resultados apontam para a necessidade de um trabalho crítico e interativo sobre os contos literários, principalmente, no que se refere ao processo de formação da(s) infância(s) e seu processo educativo. Por meio dos contos supracitados há a possibilidade de desenvolver a (des) construção e (re)posição dos padrões normativos por mediação do trabalho pedagógico docente dirigido às crianças e suas subjetividades humanas.

Palavras Chaves: Educação para Infâncias; Contos de Fadas; Violência de Gênero

ABSTRACT: In a broad way, this text aims to analyze power relations through gender violence in fairy tales and, possible links in the context of contemporary childhood education (s). In particular, reflect on the speeches used in the stories of the Brothers Grimm (2018), especially those of: Little Red Riding Hood; Sleeping Beauty; Snow White and Rubber Cat in

¹ Mestre em Educação e Especialista em Educação Infantil – Universidade Estadual de Londrina. Tutor Híbrido em Ciências da Saúde e Biológicas – UNOPAR. E-mail: ravelli_28@hotmail.com. E-mail: ravelli_28@hotmail.com

² Pós Doutora em Filosofia da Educação: Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutora em Educação: Universidade Estadual de Maringá – Maringá, Paraná. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Líder do GEPEI/CNPQ – Grupo de Pesquisa em Educação e Infância e Pesquisadora do GEPAE/CNPQ – Grupo de Estudos e Pesquisa em Arte e Educação. E-mail: marta.furlan@yahoo.com.br

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº2, maio/agosto 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC

order to better understand how they are archeologically formed by power relations. The methodology is a bibliographic study in Bettelheim (2018); Andrade (2015); Filha (2011) and authors who dialogue with the theories about the stories of the Brothers Grimm and, also, interpretative analysis of the female characters protagonists and antagonists of the fairy tales and their articulations with the studies of social representations. Tales, when not questioned, become reproducers of gender violence in human bodies since childhood, since there are several ways to be and behave in relation to subjectivities. The results point to the need for critical and interactive work on literary tales, especially with regard to the process of forming childhood (s) and their educational process. Through the aforementioned tales, it is possible to develop the (de) construction and (re) position of normative standards through the mediation of teaching pedagogical work directed at children and their human subjectivities.

Keywords: Childhood Education; Fairy tale; Gender Violence.

1. INTRODUÇÃO

O texto parte de uma reflexão acerca da violência de gênero nos contos literários dos Irmãos Grimm (2018) em específico, os contos de: *Chapeuzinho Vermelho*; *A Bela Adormecida*; *Branca de Neve e Gata Borralheira*, como recorte de estudo e pesquisa desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação e que se intitula: “*Da repressão sexual ao direito de ser e saber: agora é nossa vez*” na Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2020) e, em conjunção com a participação no Projeto de Pesquisa intitulado “Semiformação e educação no contexto da sociedade danificada” da respectiva universidade.

De forma geral, este texto objetiva analisar as relações de poder por meio da violência de gênero nos contos de fada e, possíveis liames no contexto da educação da (s) infância (s) contemporânea. De modo particular, refletir sobre os discursos utilizados nos contos *Chapeuzinho Vermelho*; *A Bela Adormecida*; *Branca de Neve e Gata Borralheira* a fim de melhor compreender como os mesmos são arqueologicamente formados pelas relações de poder.

A metodologia é um estudo bibliográfico em Bettelheim (2018); Andrade (2015); Filha (2011) e autores que dialogam com as teorias sobre os contos dos Irmãos Grimm (2018) e, ainda, análise interpretativa dos personagens femininos protagonistas e antagonistas dos contos literários de fadas e suas articulações com os estudos de representações sociais. Os

contos, quando não questionados, tornam-se reprodutores da violência de gênero nos corpos humanos desde a infância, visto que, há várias formas de ser e se portar em relação às subjetividades.

De maneira estrutural, o texto contextualiza historicamente os contos de fadas a partir da sociedade patriarcal no século XIX e, diante do arcabouço substancial teórico e crítico nos autores como Andrade (2015); Bettelheim (2018); Filha (2011) e os que dialogam com a teoria sobre os contos: A Bela Adormecida, A Gata Borralheira, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm (2018) pretende-se analisar sobre representações sociais, relações de poder, violência de gênero e sexualidade feminina. Por meio da análise é possível refletir de maneira crítica sobre os discursos utilizados nesses contos a fim de melhor compreender como os mesmos são arqueologicamente formados pelas relações de poder. Cabe salientar, que a análise se restringira aos personagens principais e antagonicos dos contos, que de antemão, perpetuam normas de como ser e se portar, fazendo uso da violência de gênero e da sexualidade feminina.

Os resultados apontam para a necessidade de um trabalho crítico e interativo sobre os contos literários, principalmente, no que se refere ao processo de formação da(s) infância(s) e seu processo educativo. Por meio dos contos supracitados há a possibilidade de desenvolver a (des) construção e (re)posição dos padrões normativos por mediação do trabalho pedagógico docente dirigido às crianças e suas subjetividades humanas. Desse modo, é possível pensar em novos atributos e sentidos dos contos literários pelas lentes das subjetividades humanas a partir da(s) infância(s) e seu processo de educação e formação.

2. De onde vem os contos de fadas e o que o patriarcado tem a ver com isso?

Ao tratar neste texto sobre os padrões patriarcais e disciplinadores do século XIX há exemplos de ser menina e menino; príncipe e princesa; que por intermédio dos contos de fadas potencializam as marcas delimitadas por uma série de normas, valores e padrões de comportamento que modelam as personagens para atender as exigências sociais da época. A linguagem textual dos contos traz personagens emblemáticos ligados a elementos simbólicos que representam várias questões relacionadas aos ideais de gênero e sexualidade, envolvendo

nesse contexto a violência infantil, a padronização do amor romântico, a perpetuação de masculinidades e feminilidades normativas, os conflitos sexuais de maturação e familiares, os desafetos interpessoais consoantes a maldade humana, a relação de luta entre o que é considerado “bem” versus o “mal”, e essencialmente as condições para encontrar o amor eterno para sermos “felizes para sempre” (FILHA, 2011).

O conceito de *patriarcado* provém da análise relacionada a sociedade disciplinar proposta por Michel Foucault (1996), a sociedade patriarcal se utiliza das condutas disciplinares para criar um sistema pautado na dominação do sexo masculino a fim de oprimir as mulheres. No contexto da sociedade disciplinar, o patriarcado se propagou por formas sutis de poder, principalmente, com a liquidação das subjetividades humanas. Esse aniquilamento subjetivo do indivíduo se refere aos mecanismos de controle reproduzidos de diversas formas de materialização: a família, a escola, o hospício, a religião, às leis. E, neste cenário, os contos de fadas, acabam sendo destinados a mulher e a sua forma submissa em relação ao homem. O poder é visto como relações assimétricas entre indivíduos por gêneros: homens e mulheres, pessoas que são heterossexuais em relação ao patriarcado.

O entendimento desse conceito com a intenção de esclarecer de maneira plural que as subjetividades humanas não são envoltas por determinismos biológicos repassados pelos meios manuais, digitais e de comunicação. Tendo em vista que estes meios, inclusive os contos literários proporcionam a proliferação da violência nos corpos dos sujeitos em uma relação binária proposta pelo governamentalização patriarcal. Cabe então ao discurso transversalmente a linguagem expandir as relações sociais relacionadas ao plural, à diversidade e direitos humanos igualitários.

Com a formação da sociedade disciplinar, o patriarcado atingiu sutilmente o poder em grandes espaços sociais, potencializando o apagamento das subjetividades dos indivíduos por meio de mecanismos de controles. De modo que:

O desprezo, o não reconhecimento pelos esforços e pelas qualidades, o esquecimento social. A luta de classes, anunciada por Marx, entre quem tem o poder, que utilizam de suas ferramentas disponíveis para manter o poder em mãos, e os que são sujeitos a situações opostas aos indivíduos que detém o poder, que recebem ordens, está presente mesmo que de forma indireta nos contos (FERNANDES, 2014, p. 66).

Sendo assim, o poder por intermédio das relações discursivas projeta-se em formato de dominação sobre os indivíduos, espalhando-se de maneira passiva e dócil e também de resistência. É compreensível, nesse sentido, que o poder é descentralizado, funcionando de maneira circular, onde os indivíduos estão aptos a dominar e oprimir.

Desta maneira, é possível afirmar que os contos foram estruturados para se ratificarem no meio social difundindo suas ideias, valores e padrões comportamentais. As representações de homens e mulheres impostas são mais que claras, de forma que enaltecem estereótipos relacionados ao preconceito estético, social, sexual e de gênero. Consolida-se, desse modo, as ideias de violência e dominação proposta por Bourdieu (2002) que acarreta na submissão e fragilidade feminina deixando parecer que estes atributos são características naturais, mas que na verdade são construções sociais impostas pelo discurso patriarcal que se proliferam por todo o campo social, inclusive o campo político no qual as leis representam a legitimação das desigualdades sociais.

Em suas relações sociais, as identidades de gênero são permeadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, uma vez que os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais (LOURO, 2003). Sendo assim, as instituições sociais, como escola e família podem ser consideradas os principais preconizadores da construção e reprodução de conceitos e valores estereotipados acerca das questões sobre violência de gênero.

De acordo com Colling e Tedeschi (2015), posterior a família e ou até simultaneamente (como é o caso das crianças da educação infantil que frequentam a escola infantil desde 0 ano de idade) podemos apontar a escola como uma das fundamentais instituições sociais que às crianças frequentam e que têm a oportunidade de viver diferentes experiências à luz de interseccionalidades singulares.

Pelos limiares da história social é fatídico afirmar que o surgimento dos contos literários não possui uma data ou local específico, pois as histórias fazem parte da cultura oral e se originaram ao mesmo tempo em lugares e culturas diferentes, alguns estudiosos arriscam dizer que foram criadas pela cultura celta em tempos antigos, mas independente da origem os contos são postulados pelo discurso do medo, a fim de impor uma conduta moral relacionada ao comportamento de acordo com época histórica e social.

Habitualmente os contos literários são classificados como contos de fadas, que se constrói em um mundo de magia e se desenvolvem a partir de um conflito existencial, e os contos maravilhosos que focam nos problemas sociais e no cotidiano da magia. Porém ambos pertencem ao mundo do maravilhoso, das fadas/princesas apresentando poucas diferenças entre si.

Sendo assim, os Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm (Grimm, 2018), ao estudar o contexto de sua nação - Alemanha no final do século XVIII, coletavam dados sobre histórias populares contadas por camponeses e perpassavam entre amigos. As narrativas desses contos escritos por eles foram estruturadas a partir desse contexto com interesse na formação do ser humano a datar da infância. A partir das histórias infantis de Grimm (2018) a violência de gênero se faz presente nos contos literários que, de certa forma, são utilizados nos espaços formativos voltados à educação de crianças pequenas (0 a 5 anos) e, também nos anos iniciais do ensino fundamental³.

A primeira versão transcrita dos contos pelos Irmãos Grimm apresentava bruscas lacunas e um forte conteúdo erótico que, prontamente, ao perceberem a indignação social, lançaram a segunda versão, essa que se estende até os tempos contemporâneos, aperfeiçoada com traços estéticos mais delimitados e inculcada numa moral cristã a fim de resolver os conflitos internos das crianças através do medo e do castigo (BATISTA, 2017).

Ao destinar os contos para o público infantil, os Irmãos Grimm em suas readaptações encurtaram suas narrativas para que pudessem ser contados popularmente pela oralidade. Segundos Gonçalves (2017) nesses contos às personagens protagonistas possuem características excêntricas vinculadas à superação de conflitos interiores e obstáculos sociais com a finalidade de “chegar ao pódio” que resulta no “feliz para sempre” ao lado do personagem caracterizado como herói (o homem). Geralmente, os padrões comportamentais definidos pela sociedade associavam a figura feminina como o sexo frágil, totalmente dependente da figura masculina (CANAZART; SOUZA, 2017, p. 7).

³ Adiante será discutida a forma de trabalho docente referente aos Contos de Fada no processo educativo de crianças. Antecipadamente, há uma tendência pedagógica dirigida para um trabalho de leitura do conto como pretexto para outras áreas do conhecimento (arte, linguagem oral e escrita, matemática, etc.) de maneira a desconsiderar o conteúdo formativo das narrativas literárias que, de certa forma, reforçam ideologias e violência de gênero, principalmente no que tange a sexualidade feminina.

Os contos foram passados de geração a geração tornando-se atemporais com personagens eternamente individualizados. Os papéis sociais e de violência de gênero atribuídos nestes contos sistematizam as condutas femininas e masculinas com a intenção de repassar esses valores tradicionalmente patriarcais para que se resguardem durante séculos, eras. “Enredos que “ensinam” crianças e instruem leitores e ouvintes, formando a sua forma de ver, entender e se reproduzir na sociedade” (PEREIRA, et al, 2018, p. 344).

Os folcloristas na época medieval que repassavam esses contos acreditavam que as lições dos contos de fadas ditam comportamentos corretos para que às crianças quando jovens soubessem como ter sucesso na vida. O intermédio era a religião ou a educação moral (ANDRADE, 2015, p. 25).

A linguagem nos contos é simples por serem narradas popularmente pelas tradições e também poética por conta das revisões literárias com o propósito de causar prazer aos leitores. Essa linguagem foi estruturada para que o prazer da leitura ou de se ouvir os contos simplificasse a recepção da mensagem moral e útil que agrada os interlocutores de maneira sutil e divertida, sendo um processo harmonizado pela leitura e oralidade que ainda em tempos contemporâneos ridiculariza as mulheres dos contos de fadas e do mundo real (MORAES, 2011).

Considerando a presença fundamental dos contos de fadas na vida cotidiana e pedagógica de crianças de 0 a 10 anos (educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental), entendemos que os contos, utilizam-se de diferentes tipos dos discursos a fim de estruturar e reproduzir uma sociedade regularizadora sob interesses do estado e daqueles que detém maior poder, com intuito de rebaixar e regularizar as subjetividades humanas preponderando a violência de gênero. Os discursos nada mais são que práticas discursivas que se estabelecem nos sujeitos, objetos e diversos domínios de poder por intermédio de uma rede de regularidades e subjetividades. Entre eles, há vários discursos, tais como, o estrutural, o político, o institucional, o pedagógico, o religioso, o narcisista, o referente ao capital, o científico, o midiático, entre outros. Mesmo que apresentados e definidos em instâncias diferentes, todos esses discursos são de poder.

Nesse sentido, os parágrafos introdutórios buscaram evidenciar as questões de poder e violência postas nos contos literários para crianças que, de modo geral, consiste nas categorias

discutidas nessa pesquisa. Afirmamos que a violência contra a criança, a mulher e a comunidade LGBTQI+ tem violado os direitos humanos e, conseqüentemente, provocado marcas agressivas nos corpos, seja por abuso, agressão física, espancamento, torturas ou até mesmo formas sociais e educativas de padronização do sujeito (SILVA, 2010). Sobre isso, entendemos que a discussão é relevante e atual, sendo necessária a luta por direitos humanos igualitários a partir do relato de si e do reconhecimento do outro.

Quando um grupo social legitima papéis sexuais e de gênero em uma criança em processo de construção social que não condizem com a realidade da mesma, cria-se um sistema de crenças ilusórias a se esperar que a criança obedeça e respeite sem questionar o que foi imposto. Tal sistema gera violências físicas e principalmente simbólicas causados por atribuições de papéis sexuais e de gênero, porém, é possível evitar que essa questão aconteça no ambiente escolar, como familiar a partir do pensamento crítico e reflexivo.

3. Da Chapeuzinho Vermelho à Gata Borralheira: relações de poder, violência de gênero e sexualidade feminina

Os contos literários de Grimm (2018) concentram-se em fatores psicológicos e ideológicos. Em relação à violência, as normativas e valores que esses contos reproduzem, estes abarcam “na sua capacidade de localizar os sujeitos no tempo-espaço, informando e, muitas vezes, prescrevendo o comportamento e a organização de determinadas relações sociais ao longo da história em diferentes culturas” (BELARMINO; BORGES; MAGALHÃES, 2010, p. 2). Ainda em concordância com os autores, são essas normas e valores transmitidos pelas tradições que determinam nossas ações e atribuem papéis determinantes para proliferar as relações de distinções e violência de gênero. Logo, o sexo quando pensando por um viés determinista, alega que o macho tem funções diferentes da fêmea, sendo o primeiro mais valorizado socialmente. Evidencia-se então que a transmissão de leis e valores estão intrinsecamente ligadas aos costumes, às tradições e as leis governamentais, tendo um caráter extremamente político e sexualizado.

Para dar mais sustância ao nosso estudo, a pesquisa de Filha (2011) comprova que os personagens dos contos de fadas levaram o público vigente de suas épocas e continua a

perpetuar por diferentes séculos fascínios e seduções nas pessoas, em que um dos propósitos é ideologizar o casamento através dos comportamentos atribuídos. Desta forma, como garantia de final feliz, as pessoas, principalmente as de gênero feminino, deviam seguir essas normativas para alcançar sua completude através do amor romântico.

Considerando que as obras literárias têm seu caráter histórico e cultural, optamos pela análise interpretativa das personagens protagonistas e antagonistas que são consideradas como clássicas no contexto literário. As personagens princesas são reconhecidas tradicionalmente por carregarem o maior número de simbologias relacionadas à realeza e por serem lembradas ao longo dos séculos como o ideal de beleza e conduta feminina desejada para se conquistar a completude feminina. Estas personagens estimulam um interesse pelo culto à beleza, reforçando padrões estéticos ocidentais que são muitas vezes inalcançáveis. E sob este viés, a valorização da mulher obrigatoriamente transpassa pela sua aparência (BORGES; RODRIGUES, 2018, p. 115).

Além da beleza, as condutas das princesas são exemplos de modelos que devem ser seguidos pela sociedade patriarcal, uma vez que, as mulheres devem ser delicadas, passivas, obedientes, servir ao homem e, até mesmo, seu modo de falar deve ser doce e aveludado. Elas possuem uma grande capacidade para realizar serviços domésticos e organizar o lar ou o reino em que vivem sob escória. As princesas sempre são solidárias e, na maioria das vezes, abandonadas pelo próprio genitor e estão passivamente à espera de um príncipe para salvá-las dos conflitos internos e das maldades de seu algoz. Sobre isso, questionamos: Se elas estão à espera de algum príncipe, então este se torna o herói do conto no momento em que as salva, consagrando a figura masculina como a precursora da felicidade feminina? Essa questão está pautada nas relações biológicas do sexo, fazendo com que o macho, então, nesse contexto determinista defina a fêmea em uma sociedade fantasiosa e utópica, dentro e fora dos contos literários.

Nos contos, Gonçalves (2017) nos esclarece que há sempre a presença de características exageradas relacionadas aos personagens. Há os personagens bons com características corretas e benevolentes que assemelham em sua caracterização, como a princesa e sua mãe biológica que sempre sofrem e merecem um final feliz, ou o príncipe que é sempre bajulado a ser o salvador da mulher em conformidade com os costumes patriarcais.

Por outro lado, temos os personagens caracterizados como cruéis que são mais do que terríveis apresentando tendências insanas e violentadoras, na maioria das vezes representados pela bruxa ou madrasta que tentam barrar a felicidade da protagonista com atos maldosos, ou até mesmo animais como o lobo por apresentar tendências canibalescas. O exagero relacionado às características dos personagens tem como intenção polarizar suas identidades para facilitar uma relação de identidade com os leitores e efetivar relações de poder pautadas no comportamento e na ideologia vigente.

As demais características dos contos em si são determinadas por algum tipo de magia ou encantamento, neles são comuns a presenças de animais que falam e das próprias fadas que são consideradas entidades místicas com características fantásticas criadas pelo folclore europeu do ocidente. As fadas ainda são divididas entre as boas que são imortais, possuem uma beleza exorbitante como a de uma princesa e são dotadas de poderes sobrenaturais capazes de interferir nas vidas das pessoas e coisas que não possuem o dom da imortalidade. E as malvadas que são demonizadas como bruxas, sendo megeras, mas também podem ter uma beleza física ideal mesmo que não compõe uma regra geral de sua representação (ANDRADE, 2015).

Ainda em relação às bruxas:

[...] interpretamos que esse personagem fora estritamente associado ao “abjeto”, em função dos recursos visuais e discursivos - tais como a caracterização e a personalidade maldosa - que assessoram para que o público demonstre repúdio, desafeto e repugnância para com o vilão (BALISCEI; CALSA, 2019, p. 202).

A denominação e a caracterização das bruxas surgiram a partir do momento em que a mulher passou a adquirir conhecimentos: quanto mais conhecimento tivesse, recebia título de perigosa. Esse estereótipo de bruxa era ratificado quando, além dos saberes adquiridos, essas mulheres possuíam aparência desagradável, “o que justificava a solteirice, ou quando, mesmo sendo mulheres belas, feriam o ego dos homens poderosos ou se envolviam com representantes da igreja” (ANDRADE, 2015, p. 22).

Essa demonização das mulheres em colocá-las num status de bruxa foi apenas mais uma forma de descentralizar às mulheres que não seguiam as regras e costumes do patriarcado a fim de colocá-las à margem social, pois o centro sempre esteve ajustado demais e só caberia

nele as dóceis e submissas ao homem. “Assim, as bruxas eram mostradas como solteiras, e a elas eram associadas à negação do casamento, principalmente pela condição de bruxa” (ANDRADE, 2015, p. 22). Tendo em vista que:

O sufrágio feminino e o reconhecimento de sua cidadania pelas próprias mulheres foram fundamentais para que o jogo se invertesse, desencadeando um esforço social para mantê-las sob controle, e para isso, as ajudas dos meios de comunicação e do cinema se tornaram essenciais para um processo discursivo que enfatiza a importância do lar, da família e do casamento com um bom partido, que pudesse lhes dar o mínimo de estabilidade financeira (BORGES; RODRIGUES, 2018, p. 117).

As princesas são consideradas protagonistas, mas, de fato, não são, pois, quem traça seus caminhos são os personagens envoltos ao seu redor que as destroem e atribui o príncipe (homem) que irá salvá-las, mesmo que algumas tentem alcançar autonomia serão manipuladas a ter uma conduta relacionada à servidão ocidental patriarcal. Sendo assim, esses personagens dos contos literários na maioria das vezes têm as mesmas características, tanto físicas como comportamentais. Sendo elas, brancas de cabelo liso, heterossexuais, belas, magras, dóceis, submissas, bondosas, virtuosas, com vestimentas largas, disciplinadas, que geralmente são servis, quando relacionadas ao trabalho doméstico. E os príncipes são brancos com vestes de realeza, fortes, viris, autônomos, ‘livres’ considerados como leais e salvadores ideais para as princesas. Cabe ressaltar que essas características foram determinadas e ensinadas pela sociedade e cultura da época (XIX) a partir de um ideal de feminilidade e masculinidade que atrelam as questões de gênero por um viés hegemônico (FILHA, 2011).

Sendo assim, as questões de sexualidade dos contos explicam a ideologização ao impor que meninos e meninas devem se portar como principescos, pois esses ao referirem as identidades mostram um jeito único de ser príncipe ou princesa, de ser masculino e feminino. O discurso normalizador legitima o masculino e o feminino em diferentes aspectos, de forma que para ambos são apresentados estes padrões comportamentais e regras sociais com intuito de conformá-los socialmente a se portar desta única e determinada maneira.

“As princesas dos contos clássicos, destacadas nas narrativas infantis, trazem características pessoais intrigantes para pensarmos sobre a construção identitária de gênero” (FILHA, 2011, p. 595). Ainda Filha nos comprova que esse discurso está envolvido

diretamente com as questões sobre a sexualidade com o propósito de excluir pessoas consideradas como diferentes nesta dominação, como as homossexuais, bissexuais e transexuais, fazendo dos contos de fadas instrumentos que visam educar para a heteronormatividade. Sobre essa última: [...] a heteronormatividade caracteriza-se pela “obsessão com a sexualidade normalizante através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” (LOURO, 2000, p. 66).

Os discursos que privilegiam a heterossexualidade, como a única possibilidade de constituição identitária sexual, constituem-se em um conjunto de normas, mecanismos e dispositivos que fazem parte das várias pedagogias da sexualidade e de gênero presentes socialmente e que capturam as crianças desde muito cedo. Um dos exemplos significativos são os contos de fadas, que forçam a matriz heterossexual com o reforço da relação amorosa e do enlace final, com o casamento, e da demarcação do destino imutável do ‘e foram felizes para o resto de suas vidas’ (FILHA, 2011, p. 600).

Os contos de fadas quando destinados ao público infantil relacionado ao processo de ensino e aprendizagem apresentam um caráter moralizador sob a influência de sua readaptação disciplinadora, logo o que induz valores e comportamentos para domesticar a criança, é a forma que os mesmos são abordados em sala de aula, tendo em vista que, se a criança tem algum problema de aprendizagem ou não condiz com o comportamento prescrito na transmissão do conto pelo professor, essa criança será docilizada fazendo jus à disciplinarização de corpos, à vigilância hierarquizada e o princípio de distribuição de corpos no tempo e espaço relacionados às atribuições de papéis e violência de gênero. Logo, esse modelo de ensino se pauta na eficiência da disciplina proliferada por diversos meios sociais e de comunicação.

Silva (2006, p. 37) afirma que [...] “vivemos numa sociedade que, paulatinamente, utiliza a leitura como um dos principais balizadores a incorporar o indivíduo à prática social, à cidadania”. Dessa maneira, às modificações dos contos referem-se aos fatores externos de cada sociedade, pois a preocupação nunca foi com as individualidades subjetivas, mas sim com o processo de regularização de toda a ‘massa’, logo, os contos literários são documentos históricos e transmissores de poder em relação às “boas maneiras” de ser, de se portar e de se vestir.

Diante disso, Silva (2006) comprova que é impossível pensar em uma sociedade que não seja mediada pela leitura, ela também pode expandir a essência humana e ampliar a compreensão do indivíduo sobre si próprio e sobre o mundo em que vive. Devemos sempre abranger a leitura, principalmente, a leitura prévia cercada de olhares críticos. Quanto mais abrangente for à compreensão de mundo, mais ampla será nossa análise e reflexão sobre suas transmissões. Cabe ainda justificar que devemos continuar esse estudo para propormos referenciais teóricos para os professores da área da educação que não possuem respaldo e materiais teóricos e metodológicos para discutir e problematizar os contos literários em sala de aula com as crianças.

4. Rompendo com a hierarquia presente nos contos de fadas: novas maneiras de se pensar as infâncias e a educação na contemporaneidade

A partir de nossas análises referente aos personagens, há evidências que os contos de fadas são constituídos por um ideal hierárquico de feminilidades, eles direcionam às subjetividades humanas da contemporaneidade – século XXI, a regredirem em um ideal de comportamento presente na sociedade patriarcal que consolidou-se a datar pelo século XVII, assim sendo, como proposições finais sobre os contos, objetivamos com essa sessão, repensarmos novas maneiras de romper com a hierarquia de poder presente nos mesmos em relação às identidades de gênero, sexo e sexualidade para que possamos, a partir de uma atitude crítica e reflexiva romper com a violência presente em nossa sociedade relacionada às subjetividades femininas.

No que se refere aos estudos sobre a mulher e às relações de gênero no século XX, Simone de Beauvoir (2009) nos diz sobre o mito feminino, de forma que, assim como às princesas dos contos apontados nesse estudo, a mulher tornou-se escrava perante à padronização disciplinar do comportamento e da estética. A mulher curvou-se a dedicação para submeter-se ao homem, perpetuando o duelo entre o sexo racional e superior (macho) e o sexo subjacente e inferior (fêmea), em que a autonomia e individualidade feminina ficaram restringidas ao poder masculino.

Para romper com essa hierarquização entre os sexos justificados por aspectos biológicos a mulher pode experimentar novas possibilidades de desconstrução da feminilidade. Fazendo sentindo a sua famosa citação; “ninguém se nasce mulher: torna-se mulher”, complementando ainda que “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 2009, p. 9). Logo a condição de ser mulher não é um determinismo que a caracteriza como segundo sexo e sim uma construção libertária e autônoma que rompe a alteridade frágil e masculina constituída pela sociedade disciplinar.

Hoje no século XXI mesmo que permaneçam demasiadamente às atitudes machistas provindas da sociedade patriarcal, às mulheres conseguiram o seu espaço e concretizaram sua própria autonomia e autossuficiência a ponto de assumirem diversos cargos de poder. Tais conquistas femininas em nosso século são atitudes nobres que às tornam princesas para os outros e de si mesmas. Porém, ainda por conta desse sistema histórico e repressor que perpetuou por séculos e se penetra pelas micro relações de poder, elas devem escolher entre ser frágil e disciplinada ou ser a mulher considerada como “bem resolvida”.

Para desconstruir esse paradigma Dowling (2002) mostra que às mulheres podem tornar-se seu próprio “príncipe realizador”, mesmo que o caminho seja árduo e solitário diante de sua individualidade, quando a mulher sente-se livre e aberta para às mudanças dessa feminilidade que não a detém mais ela entende não só sobre a verdade do sexo e das sexualidades, mas também permite a verdade de si e a partir desse momento, o cuidado de si para si mesmo, pois quando enfrentamos nossos próprios conflitos conquistamos nossas próprias soluções. Por isso às princesas precisam renunciar a dependência psicológica que às provocam insegurança e tornar seu próprio príncipe, ou sua própria princesa, independente do gênero, deve fluir e amar a si, sua subjetividade, para que possa amar o outro livre das algemas da libertinagem. Reforçando que esse processo de autonomia deve ser proposto pela escola desde a educação da infância, para que possamos ensinar nossos príncipes e princesas a ter uma consciência crítica que revolucione o patriarcado e quebre as barreiras da sociedade disciplinar para pensarmos os indivíduos como plurais em suas totalidades que transcendem a intencionalidade operante.

Se refletirmos sobre os contos, eles permitirão a criança independente de seu sexo compreender melhor suas angústias e sentimentos negativos, tais como o ciúme, antes que eles tomem conta de seu inconsciente e destrua o processo de autonomia em formação. Entenderá também o que é necessário para se obter em uma relação ao superar suas angústias e entender o que ela gosta e quais os componentes que compõem sua personalidade, pois, mesmo que a vida lhe dê provocações, o final feliz será obtido. Também entenderá que, ao tentarmos degradar os outros e destruir sua felicidade, somos privados de sermos felizes.

Segundo Bettelheim (2018) como a criança entende os significados ocultos da história de maneira simbólica e inconsciente, aos poucos ela entenderá o processo de autoconhecimento de si mesma e o que será problemático para ela rumo aos esclarecimentos essenciais para o seu desenvolvimento. Também aceitará que a rivalidade materna existe e é comum na vida humana, desta forma não temerá ser destruída pelos seus semelhantes, pois se as princesas dos contos não passassem por toda degradação, elas jamais obteriam o final feliz, mas que também na vida real não precisamos aceitar que violentem nossos corpos para sermos felizes, e sim, que podemos vencer às dificuldades e superar os obstáculos da vida com um sorriso e muita determinação para atingirmos nos objetivos (BETTELHEIM, 2018).

Os contos ainda mostram à criança que mesmo em algum período da vida levamos uma vida degradante, é só uma fase que irá passar sem consequências para o futuro, pois nosso passado nada diz sobre nossos valores presentes e futuros se acreditarmos em nós mesmos, vencemos todos àqueles que vivem atrás de “máscaras” tendendo esconder suas verdadeiras essências, pois toda virtude é digna de recompensa.

É possível trabalhar sobre a distinção entre o bem do mal por meio do conto de A Gata Borralheira de Grimm (2018) em que a mocinha soube separar às lentilhas das cinzas, esse ensinamento promove o desenvolvimento da personalidade infantil mostrando que mesmo uma coisa de pouco valor como às cinzas pode trazer grandes realizações. Devemos sempre manter a fé das coisas boas que aconteceram no passado para que possamos filtrar às ruínas, acreditarmos nas palavras de quem nos faz bem e que nos passa confiança, assim como Cinderela nunca deixou de acreditar em sua mãe verdadeira sempre sendo boa e gentil. Com essa fé ela conseguiu alcançar o que queria de melhor em sua vida conquistando sua vitória.

Entre suas reflexões Moraes (2011) afirma pelo equipamento teórico que os moldes da sociedade são desejos normativos provenientes de uma ideologia dominante. Esta ideologia em sua concretude apologiza constantemente o belo e o inteligível.

Moraes (2011) ainda nos mostra que na modernidade o cenário cultural continua a valorizar a perfeição encontrada no feminino, muda-se a cultura a focar na mulher, mas continuam a acentuar a violência perante o feminino, delimitando a mulher como o segundo sexo, ou seja, a inferioridade feminina não fora escassa. Se antes, apreciavam artisticamente a mulher virgem, por ora, se aprecia a Deusa Vênus, dona do amor e de todas às paixões que seduz, então “a mulher passou a simbolizar a graça, a alegria das cortes e das festas, a companheira das conversas, desvencilhando-se do papel de submissão e apagamento a que sempre estivera relegada (MORAES, 2011, p. 53). Tais valores sociais, independente se eram da burguesia ou da classe dominada são transpostos para os contos literários. A ideologia burguesa em relação à família impôs comportamentos ideais a serem seguidos resultantes da vigilância e punição. Logo todo corpo abjeto, estaria apto ao castigo, e todo corpo que se aproxima do ideal posto seria digno de premiação.

Outra questão evidente, que traduz elementos ideológicos da época é o fato de a mulher necessitar fazer um bom casamento, o que Cinderela consegue [...] essa situação leva a crer que a própria deu-se por feliz por ter sido escolhida pelo príncipe, sem questionar, se como homem, ele lhe serviria ou não. Considerando a ideologia da época, o amor não constava dos planos absolutamente necessários para um casamento, visto como um contrato em que o homem teria uma mulher bela e graciosa para exibir nos salões, enquanto ela teria sua vida encaminhada para o desfrute dos bailes, do lar, dos filhos e dos luxos permitidos à vida na corte (MORAES, 2011, p. 54).

A formação ideológica citada acima é formada por intermédio da linguagem que se define como instrumento de comunicação, não existe visão de mundo sem a linguagem, independente de ela ser verbal ou não. Esta maneira de entender a ideologia pauta-se em entender como a linguagem está vinculada a ótica do autor em relação aos seus pressupostos (MORAES, 2011). Segundo o autor a ideologia é uma visão de mundo elaborada por um conjunto de ideias de determinada classe social a fim de explicar a ordem social. Na linguagem literária o enquadramento é pela função estética levando em consideração a ficção e a imaginação, que ficam limitadas ao contexto. Então a ideologia provoca aquilo que

Horkheimer e Adorno (1978), vão chamar de ajustamento da sociedade referente a uma cultura, na qual o antissemitismo, ou seja, a “falsa consciência” irrefletida mediada pelos mecanismos de poder que, sutilmente, esconde a essência da ordem social.

Essa questão do ajustamento da sociedade juntamente ao antissemitismo nos leva a pensar sobre a semiformação proposta por Adorno (1995). Perante as ideias do autor, a semiformação é aquela que podemos denominar de falsa formação, propícia ao pensamento supersticioso que por meio de conteúdos instrumentalizados da razão, forma indivíduos exclusivamente para a adaptação nos moldes de uma sociedade administrada. Mas se nos conscientizarmos sobre as relações de poder, entende-se que nem toda ideologia é falsa consciência, pois a experiência permite que a objetividade humana seja ressignificada pela subjetividade das identidades para uma formação justa e emancipada dos sujeitos.

Ao finalizar as histórias, percebe-se que os contos mesmo que seja envolto pela vida das princesas, quem o protagoniza é o macho (os príncipes), tendo os padrões de beleza impostos pela sociedade e se destacando como nobre de tamanha coragem a ponto de salvar suas princesas dos desígnios maléficos de seus familiares. Ao salvar as princesas eles se mostram dignos de ser um herói que terá sua recompensa às coroando como princesas, “o casamento se apresenta como o único caminho para a felicidade e para a libertação das privações materiais e da exclusão social [...]” (PEREIRA et al, 2018, p. 344). Esta dualidade entre os personagens proposta pela sociedade disciplinar causa uma relação discursiva de poder versus submissão relacionado aos personagens envolvidos na temática que faz da mulher objeto de premiação e submissa ao padrão de beleza ideal para servir o seu homem, merecedor de sua bravura.

Segundo Pereira et al (2018) os estereótipos que rondam a história infantil são comportamentais, físicos e ocupacionais em relação às mulheres, pois para se conquistar o príncipe ela deve ser afeita às prendas domésticas, se encaixar nas qualidades de frágil, meiga, bela e ainda ter tempo para sonhar com seu final feliz. A perfeição é ditada de acordo com as normativas da época nas quais consideram a mulher como uma figura submissa ao homem e tenha o ideal de corpo categorizado como belo mesmo que destinado ao mundo doméstico. Seus atributos psicológicos devem gerar em torno do comportamento descrito como passividade.

Se a mulher não se acomoda ao padrão de beleza dito acima ela é considerada em estado diabólico, ser abjeto que não possuirá o privilégio do casamento, uma vez que a beleza é o carro chefe das qualidades indispensáveis do conto para esse feito. Logo o conto associa o belo como sinônimo de bondade e o feio com a maldade, colocando às mulheres em condições de rivalidade, assim como as madrastas tinham sentimentos de inveja contra as princesas, pois “as princesas são sempre figuras femininas amáveis, enquanto as vilãs, mulheres de pouca beleza e forma” (LOBATO; SARMENTO-PONTOJA, 2012, p.32).

Complementando, Pereira et al (2018) esse debate precisa ser feito, uma vez que os contos além de instruir a formação dos sujeitos por meio do campo das significações eles podem contribuir com as frustrações pessoais, como os relacionamentos abusivos que são frequentes na sociedade contemporânea em que o gênero feminino deve sonhar com o casamento e ser submissa a ele, se conformando com sua incompletude, pois são educadas para amar e cuidar, enquanto o masculino é preparado para “vencer a luta” pois é o sexo masculino considerado como dominante que deve decidir por ambos, enquanto a mulher deve obedecer às suas ordenações. Logo a concepção de amor nesses contos é romantizada à submissão feminina e dominação masculina no âmbito do sexo e das sexualidades.

Bettelheim (2018) nos faz refletir sobre uma das razões pelas quais o conto é encantador, pois às princesas transmitem a bondade infantil, desta maneira, às crianças projetam que em algum momento, pela às pessoas acreditarem na bondade das personagens, ela deseja que os adultos também acreditem na bondade de todas as crianças. Vendo as princesas dos contos como inocentes a criança ao ouvi-lo sente que não é sua culpa ter sentimentos ruins relacionados ao ódio e a raiva. Essa questão da inocência, ainda faz a criança pensar que toda a raiva depositada nela não é culpa dela, mas sim da inveja dos outros em relação ao fato dela simplesmente ser bela, ou seja, mesmo que as princesas tragam uma ideia de humildade elas transmitem um ar de superioridade em relação aos demais personagens.

A questão da sexualidade juntamente a rivalidade fraterna ainda não se limita a apenas essas questões, pois ao passar dos tempos e até hoje às mulheres sofrem discriminação sexual o que causa relações de inveja e ciúmes de ambos os sexos entre familiares. É natural que algumas mulheres ou a grande maioria em um período de sua vida desejassem ter um pênis se

pudesse para não sofrer com a grande onda de opressão, mas também é natural, mesmo que com menos frequência que um menino queira possuir os órgãos sexuais da mulher e a capacidade de ter filhos, pois isso é natural do ser humano em relação às simbologias e subjetividades humanas complexas. Por mais que possa se orgulhar daquilo que se tem, cada sexo tem ciúme daquilo que o outro tem ou que lhe falta, independentemente de seu papel social ou de seus órgãos genitais (BETTELHEIM, 2018).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões sobre violência de gênero e sexualidade nos contos infantis investigadas em nosso estudo nos sugere que as representações de homens e mulheres impostas são mais que claras, de forma que enaltecem estereótipos relacionados ao preconceito estético, social, sexual e de gênero. Os contos foram passados de geração a geração tornando-se atemporais com personagens eternamente individualizados. Os papéis sociais e de gênero atribuídos nestes contos sistematizam as condutas femininas e masculinas com a intenção de repassar esses valores tradicionalmente patriarcais para que se resguardem durante séculos. Para desmistificá-los sobre essas questões, concordamos com Goellner (2010) que devemos respeitar às diferenças para que não haja mais exclusões e discriminações e comprima às possibilidades de intervenção junto ao sujeito e sua constituição como ser social.

Faz-se necessário valorizar as diferenças culturais e sociais e suas diversificações de meninas e meninos com tais procedimentos: questionar afirmativas sobre sexualidades que rotulam os seres não binários; quebrar o tabu do estereótipo superficial e masculinizado imposto nas meninas; valorizar a capacidade do ser humano sem fazer distinções de gênero; respeitar as diferenças entre feminilidades e masculinidades; refletir, conversar e intervir sobre piadas e brincadeiras que agride o outro; respeitar a diversidade cultural, social e sexual; evitar o uso de linguagens preconceituosas e discriminatórias; pensar em diversas situações que envolvam corpo, gênero, sexo e sexualidade que promovam o respeito pela diversidade. É necessário reconhecer as diferenças por intermédio da linguagem e do discurso para que possamos promover o respeito entre múltiplas formas de ser e saber. Ressaltamos que é de

grande importância para a educação e para às subjetividades humanas acreditar em si e no outro, em ambos potenciais.

Deste modo, concluímos que é necessário o processo de rompimento com a questão do simbolismo que violenta os corpos, principalmente os das crianças, mulheres e daqueles considerados abjetos, como os homossexuais, travestis, transexuais e afins. Há a necessidade de relatar a si mesmo e compreender o outro para que haja o distanciamento da sociedade pautada nos moldes do preconceito e da cultura patriarcal. Esse processo inicia-se na educação enquanto lugar formativo e de cunho educativo, principalmente no que tange a educação infantil (primeira etapa da educação básica segundo a LDB Lei 9.394/96) a fim de desconstruir o processo de disciplinamento e obediência causado pelo patriarcado, principalmente, com a classificação dos sujeitos tratados como superiores e inferiores.

Assim, esse estudo possibilita que os profissionais educacionais ainda em seu período de formação repensem essas práticas de reprodução para que possam refletir e exercer novas forças de poder que não cause violência nos corpos estudantis desde a infância, revertendo à questão da sujeição em experiência e inclusão no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Educação – para quê? In: ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1995.

ANDRADE, Glícia Kelline Santos. **“Branca de Neve e os Sete Anões, “Espelho, Espelho Meu”**: uma análise discursiva. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

BALISCEI, João Paulo; CALSA, Geiva Carolina. **O Bom, o Abjeto e o Cômico**: construção visual das masculinidades na animação Aladdin (1992). *REVISTA GÊNERO*, v. 19, p. 184-203, 2019.

BATISTA, Adriane Figueira. **Era uma vez... Entre a tradição e a modernidade em versões do conto “Branca de Neve”**. *Revista Desassossego*, dezembro, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Ed. 2, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELARMINO, Renata Cristina; BORGES, Larissa Amorim; MAGALHÃES, Manuela de Souza. **A princesa branca dos contos de fadas e a mulher negra da vida real**: uma

discussão sobre gênero e raça no conto da Cinderela. *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2010.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

BORGES, Heloisa Porto; RODRIGUES, Rodrigo Fonseca. **A tradição dos contos de fada e a sobrevivência de matrizes culturais femininas nas narrativas cinematográficas infantis**. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 109-137, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANAZART, Karine Camilo; SOUZA, Oziel. **Estereótipos de Gênero: uma comparação da representação da mulher nos clássicos da literatura infantil do século XVIII com a configuração feminina em obras infantis do século XXI**. Revista Formação Docente, vol 9, n 1. Belo Horizonte, 2017.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. (Org.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2015.

DOWLING, Colette. **Complexo de Cinderela**; tradução de Amrylis Eugênia F. Miazzi. 53 ed. São Paulo: Melhoramento, 2002.

FERNANDES, Michele. **A ideologia dos filmes utilizados na educação infantil: uma análise a partir da teoria crítica**. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia – UNESP – Rio Claro, 2014.

FILHA, Constantina Xavier. **Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças**. Estudos Feministas, p. 591-603, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20ª edição. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1996.

GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. **Entre desafiadora e má: Uma análise das representações simbólicas das madrastas em contos de fadas**. EDIPUCRS, v. 2. Porto Alegre, 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodore. **A Educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de Formação RBCE, p. 71-83, Campinas. 2010.

GRIMM, Irmãos. **Contos maravilhosos infantis e domésticos/ Jacob Grimm e Wilhelm Grimm**; tradução de Christine Röhrig; posfácio de Marcus Mazzari – São Paulo: editora 34, 2018 (1ª edição). 624 p. (coleção fábula). 2018.

HORKHEIMER, M; ADORNO, T W. Preconceito. In: HORKHEIMER, M; ADORNO, T W. (Org.). **Temas básicos de sociologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978. p. 172-183.

LOBATO, Layana dos Santos; SARMENTO-PANTOJA, Carlos Augusto. **Relações de dominação/subordinação de gênero no conto de fada tradicional “Cinderela”**. Campina Grande: Realize, 2012.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº2, maio/agosto 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis; Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª Edição. Digital Source. Belo Horizonte, 2000.

MORAES, Eliana Aparecida Gaiotto de. **Análise do contexto histórico-social e das marcas deixadas no discurso pelo enunciador em diferentes versões dos contos de fadas Cinderela**. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Bauru, 2011.

PEREIRA, Charliane Martins, et al. **A representação feminina nos contos de fadas**: uma análise a partir do conto cinderela. RICS. São Luís, 2018.

SILVA, Rovilson José da. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da Rede Municipal de Londrina**: formação e atuação. Marília, 2006. 255f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Marília, 2006.

SILVA, Sérgio Gomes. **Preconceito e discriminação**: as bases da violência contra a mulher. Psicol. cienc. prof. vol.30 no.3 Brasília Sept. 2010.